

A revolução democrática iraniana em andamento

Denis Collin

Quem tem idade suficiente para se lembrar, as poucas informações confiáveis que nos chegam da atualidade do Irã fazem irresistivelmente pensar nas últimas semanas de regime odiado do Xá. O aumento dos protestos, a violência da repressão, o início da decomposição do exército, do papel desempenhado pelas forças especiais e todos os auxiliares do sistema, as manobras para preparar uma solução provisória que permitiria manter o essencial do regime, inclusive eventualmente a possibilidade de excluir Ahmadinejad, tudo isso vem como reverberação daqueles anos memoráveis (1978/79). Mas para compreender os acontecimentos atuais, temos primeiro que dissipar a fumaça ideológica organizado pelo regime através de diferentes variedades de antiimperialistas, e pelos imperialistas euros-americanos.

A propaganda oficial anuncia que não se trata de adversários reais, mas de pessoas manipuladas pelas mídias americanas e ocidentais em geral. Velho truque de todos os tiranos: os adversários são os agentes estrangeiros que querem escravizar o país. É tão manifestamente absurdo que não à pena refutá-lo. Mas lembremos que o ponto de partida foram os protestos contra as eleições fraudadas por Ahmadinejad e a recusa das pessoas de verem sua vitória roubada pelo tirano que governa o país mantendo-o na insegurança, jogando como uma tensão bem calculada com os EUA e Israel, desorganizando um país economicamente muito rico: o Irã, um os principais países da OPEP, foi assim confrontado com uma grave escassez de gasolina. Se Ahmadinejad fosse o rei do Saara, é claro que importaria areia! No ocidente, os Estados Unidos na liderança, apoiou imediatamente a eleição de Ahmadinejad. Praticam assim um interessante e mentiroso jogo de pôquer que impura uns contra outros, sabendo, é claro, que existe um acordo substancial entre os EUA e o Iran sobre a questão iraquiana.

Assim como os remanescentes do stalinismo e de pretensos "antiimperialistas" de todos os tipos, todos os cérebros deficientes só conhecem a lógica binária a mais xucra que afirma que Washington pretende ameaçar o regime iraniano. Pretendem que Ahmadinejad é um verdadeiro "antiimperialista", a ser apoiado ardorosamente. Tal lógica faz lembrar inevitavelmente que seus antepassados apoiaram os Processos de Moscou, assim como ao Pacto Nazi-Soviético contra os imperialistas ingleses, a Aliança de Stalin com Roosevelt alguns meses depois, desta vez contra o imperialismo alemão e japonês. Do mesmo modo se colocaram ao lado das forças russas que reprimiram os trabalhadores de Berlim

em 1953 e ao lado de tanques (anti-)soviéticos em Budapeste em 1956, juntamente com os tanques em Praga, em 1968. Eles também aprovaram calorosamente a invasão russa ao Afeganistão em 1980, para voltar hoje a apoiar vigorosamente como "antiimperialistas", aqueles mesmos que, com o apoio e logística dos EUA, derrotaram os russos.

O "anti-imperialismo" se torna, desse modo, um slogan realmente fácil e muito conveniente porque pode ser usado para justificar todas as situações imagináveis. Afinal, em 1914, os franceses fizeram a guerra contra o imperialismo alemão e os alemães, por sua vez, fizeram-na contra a Tríplice Aliança dos imperialistas ingleses, franceses e russos! Os antiimperialistas de hoje são uma cópia carbono daqueles de ontem. Eles apóiam (com Mélenchon) o imperialismo chinês no Tibete e a repressão aos uigures, pelo fato de que a China se opõe ao imperialismo dos EUA, mesmo sendo seu maior credor! Todas essas pessoas de "bem" fingem não perceber que na África é a China, que assume a continuidade do velho e decadente imperialismo europeu. Os antiimperialistas amam a Putin, sobretudo. Acreditam que ele encarna uma espécie de sucessor legítimo do Pai dos Povos. E com o mesmo raciocínio falacioso, eles correm para salvar Ahmadinejad, sem demonstrar nenhuma vergonha da propaganda do regime, apoiando massacres organizados pelos grupos fascistoides dos "Pasdaran" alegando que não se tem o direito de protestar contra Teerã porque Israel faria muito pior na Palestina, o que não é uma fatalidade vez que a contabilidade macabra é uma ciência difícil.

Que Ahmadinejad tenha sido abraçado calorosamente por Chávez não é um argumento a favor do regime iraniano, mas sim uma prova de que Chávez é um líder nacionalista pequeno burguês, chefe de um país rico de petróleo e não a figura do "socialismo do século vinte" como acreditam os neo-bolivarianos de Paris ou os recém-eleitos ao Parlamento de Estrasburgo. É possível se constatar também com qual silêncio prudente, as feministas radicais da ANP, e do PG e todos aqueles que alardearam o auxílio médico fornecido por Ahmadinejad na Bolívia (ver artigo de Jean-Paul Damaggio "Golpe duro contra os direitos das mulheres na Bolívia"). Deixe-se assim os fantoches do "anti-imperialismo".

Alguns, mesmo entre os grupos de oposição ao regime, dizem que o que acontece no Irã não é uma revolução de verdade. Moussavi e o "movimento verde" seriam, na verdade, uma asa do regime proposto pelo governo, incluindo a punição (!), para melhor proteger os mollahs. Em suma, se trataria, sobretudo, de um confronto entre pró-khomeinistas. Isto não é completamente incorreto: o tamanho da crise interna na casta dominante é muito claro. Moussavi foi um dos principais

lugares-tenentes de Khomeini e, no início do regime, ele dirigiu a repressão com uma mão de ferro. Mas permanecer aí não deixa ver a origem das diferenças dentro da casta dominante no poder. Tais diferenças dizem respeito, sem dúvida, a situação internacional: estando, tanto quanto Ahmadinejad, favorável ao programa nuclear iraniano, seus opositores querem, contudo, distanciar-se de uma espécie de vontade "pan-islâmica", que parece contrária aos interesses do Iran e às frações da classe capitalista que os apóiam. Após Ahmadinejad, o Iran pode facilmente se tornar uma potência imperialista secundária como o Brasil ou a Turquia, entretendo boas relações, especialmente comerciais com os EUA e com as instituições financeiras internacionais. A estratégia de tensão que serve a Ahmadinejad para justificar seu poder parece àqueles totalmente fora de propósito. Mas dizem respeito também, e, sobretudo, sobre a forma de afrontar o movimento de massas. Os mollahs pró-Moussavi, seguindo a linha do ex-presidente Khatami, são a favor de que se façam concessões com o intuito de salvar o essencial - tudo mudar para que tudo continue como antes - ou seja, o sistema capitalista e lugar ocupado pela hierarquia religiosa.

Mas as revoluções sempre ocorrem quando a crise se combina com uma forte pressão de baixo. Há vários anos, as bases do regime foram sacudidas por um golpe duplo: de um lado, as lutas dos trabalhadores com tendência a formar sindicatos livres, quebrou o espartilho de ferro do regime corporativista-religioso; de outro, com o impulso da juventude - não apenas a dos estudantes, e mais ainda a pressão dos movimentos de mulheres que querem acabar com a opressão machista islâmicos.

Trata-se, pois, de um modo geral, de uma revolução democrática que incorpora, com o intervalo de uma geração, o movimento começado em 1978. Não caberia à nós a construção de slogans para a revolução iraniana. Todavia é impressionante o fato de que o campo da solidariedade foi quase completamente abandonado na França. Cadê os profissionais do "anti- islamismo"? Onde estão eles que não apóiam as mulheres do Iran nas manifestações de rua contra o vergonhoso véu? Eles preferem preparar uma apenas uma absurda lei anti-burka. E a esquerda, onde está? Ocupada com o réveillon? Preparando novas manobras de varredores para as próximas eleições regionais? E a esquerda da esquerda? Ela está envergonhada porque seus ídolos tropicais se comprometem com o rebaixamento das condições de vida dos trabalhadores e da juventude? A revolução iraniana tem agido como um poderoso indicador do estado de decadência moral da nossa suposta "esquerda".
